

## A IDEOLOGIA COMO OBSTÁCULO AO RIGOR CIENTÍFICO NA PESQUISA DOCUMENTAL EM EDUCAÇÃO

Munir José Lauer<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetiva refletir sobre os obstáculos inferidos pela ideologia ao rigor científico na pesquisa documental em educação. Partindo da indagação: *como não propiciar que a ideologia influencie de modo subjetivo pesquisadores iniciantes quanto ao rigor científico na pesquisa?* A referente investigação, no sentido de responder tal indagação teoricamente, apresenta elementos ao pesquisador iniciante na busca ao rigor científico na pesquisa documental em educação, compreendendo os pressupostos ideológicos que podem vir a influenciá-lo. A metodologia do estudo caracteriza-se em ser bibliográfica, de cunho qualitativo. Tendo em sua estruturação, inicialmente a caracterização da pesquisa documental quanto a seus procedimentos metodológicos e enquanto constituinte histórica-social. E posteriormente parte-se à contextualização da ideologia como obstáculo ao rigor científico na pesquisa e ao próprio pesquisador, principalmente quanto a conhecimentos e experiências anteriores, pré-noções e juízos de valor. Quanto a terminologia – obstáculo – tem como embasamento de abordagem teórica principal, a ideia de obstáculo epistemológico de Bachelard (1996). Documentos expressam intencionalidades nas suas entrelinhas, inferindo ao pesquisador a obviedade da não ingenuidade para com as informações analisadas. Tratar dados de documentos sinaliza à um processo organizativo metodológico coeso, propenso a impessoalidade.

**Palavras-chaves:** Ideologia. Pesquisa documental. Rigor científico.

O presente estudo objetiva propor elementos reflexivos a pesquisadores iniciantes ou futuros pesquisadores ligados ao campo social (militância social). Elementos estes, focados no rigor científico necessário à pesquisa, e na compreensão e interpretação dos ideais ideológicos, que podem influenciar tanto a pesquisa quanto o pesquisador. No campo teórico, busca-se primeiramente caracterizar a pesquisa documental, quanto aos seus procedimentos metodológicos e enquanto constituinte histórica-social; posteriormente, contextualiza-se à ideologia como obstáculo ao rigor científico na pesquisa no campo educacional e ao próprio pesquisador, principalmente quanto a conhecimentos e experiências anteriores, pré-noções e juízos de valor. Quanto a terminologia – obstáculo – tem como embasamento de abordagem teórica principal, a ideia de obstáculo epistemológico de Bachelard (1996).

A pesquisa documental ganha destaque, no sentido de ter posicionamentos voltados ao campo epistemológico construtivista, de enfoque teórico sócio-crítico, assim estando em contato direto com pressupostos ideológicos presentes na sociedade. Pressupostos ideológicos

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação (UPF). Professor de Educação Física da rede estadual de ensino, em Pontão – RS. E-mail: munirjlauer@gmail.com

estes, que permeiam o imaginário social do pesquisador em educação, principalmente, aos iniciantes à pesquisa científica. Assim, a pesquisa documental, por ter um caráter de análise histórico-social, permeado nas suas entrelinhas de intencionalidades ideológicas, requer a compreensão por parte do pesquisador do “seu lugar” na pesquisa.

E essa definição do pesquisador, do “seu lugar” na pesquisa, adquire tensão quanto a finalidade da pesquisa. A interferência “de visões e leituras de mundo”, de cunho puramente ideológico podem ferir o rigor científico necessário a pesquisa, bem como conhecimentos e experiências anteriores, pré-noções, julgamentos antecipados, tomadas de decisões unilaterais, leituras equivocadas e tendenciosas. A ideologia, como obstáculo ao rigor científico, ultrapassa o conceito em si mesma. A ideologia influencia os seres humanos e estes direcionam seus pensamentos (posicionamentos) para os mais variados campos de atuação, inclusive a pesquisa. Nesse sentido, a necessidade da permanente atenção e vigilância do pesquisador para com o rigor científico da pesquisa.

### **Ideologia e pesquisa documental**

O significado da palavra ideologia adquire sentido com a corrente sensualista do pensamento francês. Uma das figuras destacadas dessa corrente era Destutt de Tracy, que em 1804, publica o livro *Elementos de Ideologia* (GORENDER, 2007). De Tracy, em conjunto com Canabis, De Gérando e Volney tinha o intuito de formular uma ciência da gênese das ideias, abordando-as como fenômenos naturais que exaltam a vinculação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente (CHAUÍ, 1981).

De Tracy, nos *Elementos de Ideologia*, na parte direcionada ao estudo da vontade, analisa os efeitos de nossas ações voluntárias, e relaciona esses efeitos com a economia, no sentido de concernir nossa aptidão para sanar nossas necessidade materiais. Procurando identificar como atuam sobre o sujeito e entre a população em geral, o trabalho e as diferentes formas de sociedade, que incluem-se a família, a corporação, entre outros. Canabis, no texto *Influências do moral sobre o físico*, procura demonstrar a influência do cérebro sobre todo o organismo (de caráter fisiológico), compreendendo que a Natureza, tem em si própria, as capacidades necessárias e suficientes para o progresso, e que somente a Natureza direciona nossas inclinações e inteligência à uma direção e sentido (CHAUÍ, 1981).

Conforme Gorender (2007, p. 21) “A ideologia seria o estudo da origem e da formação das ideias, constituindo-se numa ciência propedêutica das demais”. A ideologia como estudo

da origem e da formação das ideias (GORENDER, 2007), logo é inerente a história da humanidade, das ações humanas individuais e coletivas, do “pensar enquanto humano”. De acordo com Vieira, Peixoto e Khoury (1991, p. 7) “os homens vivem sua experiência integralmente como ideias, necessidades, aspirações, emoções...resistindo, se submetendo, vivendo enfim, numa relação contraditória, o que nos faz considerar essa experiência como experiência de luta e de luta política”.

Nesse sentido, ganha importância a pesquisa documental em educação como meio facilitador à compreensão aos fatos ideológicos postos na sociedade, sejam eles marxistas, positivistas, progressistas, socialistas, comunitaristas, neoliberais (conforme a classificação dada pelo pesquisador). A pesquisa documental objetivando compreensões e interpretações de preceitos ideológicos deve ser valorizada e reconhecida, sendo que “a riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009, p. 2). Além do mais, a pesquisa documental auxilia no acréscimo da dimensão do tempo à compreensão do social, oportunizando a observação dos processos evolutivos de sujeitos, grupos, comportamentos, definição de conceitos, ações práticas, entre outras (SÁ-SILVA; ALMEIDA E GUINDANI, 2009 citando CELLARD, 2008).

A conceituação do que é um documento requer um dispêndio de considerações, conforme Sá-Silva; Almeida e Guindani (2009 citando Cellard, 2008) a tarefa de conceitua-lo apresenta grande dificuldade, representando um desafio, havendo a necessidade de recuperar primeiramente o conceito de documento para posteriormente defini-lo. Conforme Houaiss (2008, p. 260) define-se como, “documento: 1. declaração escrita, oficialmente reconhecida, que serve de prova de um acontecimento, fato ou estado; 2. qualquer objeto que comprove, elucide, prove ou registre um fato, acontecimento; 3. arquivo de dados gerado por processadores de texto”.

Tais definições possibilitam a visualização da representação do documento como material escrito. A escola positivista, no final do século XIX, tem por parte de seus historiadores, no documento escrito, a forma oficial de registro. O documento assim, acaba assumindo a fidedignidade da prova histórica e objetividade pela fidelidade (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 1991). No século XIX, o conceito de documento vinculava-se praticamente ao texto, de modo particular, aos arquivos oficiais. O direcionamento dessa abordagem praticada pelos historiadores da época focava-se nos fatos e ações dos políticos e

de pessoas importantes do período (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI (2009 citando CELLARD, 2008).

No entanto, com o processo evolutivo da História enquanto disciplina e método, o conceito de documento sofre modificação. Que dando créditos a uma abordagem mais globalizante maximiza o conceito de documento. Documento, assim, além de estar vinculado a textos escritos, também refere-se à documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, bem como a qualquer forma de testemunho registrado. Nesse contexto mais ampliado, um relatório de entrevistas ou anotações feitas durante uma observação podem até ser caracterizadas por documento (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI (2009 citando CELLARD, 2008).

Essa ampliação do conceito de documento, através de outra concepção de história, interage o acontecer histórico com as ações do homem, “[...] daí o conhecimento histórico se produzir “com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 1991, p. 15). Segundo as autoras, nessa concepção de documento, a relação do historiador também sofre modificação, a intencionalidade passa ser levado em consideração sob dois aspectos: “[...] a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento” (p.15).

A pesquisa documental tem em suas fontes uma enorme historicidade, que remete ao pesquisador o cuidado ao reler as entrelinhas dos documentos, repletas estas, de vivências humanas. Esta proximidade da pesquisa documental com o que está contido historicamente nas entrelinhas, requer do pesquisador o conhecimento da ideologia presente (ou oculta) nas fontes investigadas, objetivando o rigor científico imprescindível à pesquisa.

O rigor científico para com a pesquisa documental em educação, primeiramente, necessita ter na figura do pesquisador, a garantia do mesmo, para com a compreensão dos obstáculos que emergem no decorrer da escrita. Obstáculos surgem (podendo já estar presentes anteriormente), principalmente de caráter subjetivo, inerentes ao próprio sujeito, vinculados a sua realidade social imersa. A imunidade aos obstáculos exigida ao pesquisador, requer fundamentalmente o conhecimento de si, para posterior clareza de escrita científica.

### **Obstáculos ao rigor científico**

André (2001, p.55) ressalta alguns questionamentos: “qual é, ou deve ser, o propósito da pesquisa? Para que ou para quem se deve produzir conhecimentos? Essas são questões que têm estado presentes nos debates acadêmicos e podem ser encontrados em diversas revisões críticas da pesquisa educacional”. Essa relação pesquisa e ideologia é carregada de significações que reflete o que André (2001) sinaliza - fazer ciência ou fazer política de intervenção?

Para alguns pesquisadores a pesquisa tem o propósito de gerar conhecimentos, amplos, organizados e passíveis de transmissão, para outros, a pesquisa intenta ao questionamento sistemático, crítico e inovador. Alguns pesquisadores focam sua atenção no processo de conhecimento da investigação e no tipo de conhecimento que está sendo produzido, enquanto outros dão maior notoriedade aos resultados da pesquisa e sua aplicação ou utilidade social (ANDRÉ, 2001).

Porém, é contundente a afirmativa que, a ideologia como formadora de ideias, torna-se obstáculo ao rigor científico, a partir do momento em que o pesquisador não desvincula-se da sua realidade social ao adentrar à pesquisa. Essa desvinculação, separação tão necessária, não é um processo simples de efetivação. Conforme salienta André (2001, p. 57), é imprescindível buscar “[...] o equilíbrio entre a ação e a investigação, pois o risco de sucumbir ao fascínio da ação é sempre muito grande, deixando para o segundo plano a busca do rigor que qualquer tipo de pesquisa requer”. Essa percepção por parte do pesquisador, de neutralidade quanto a pesquisa, torna-se fundamental. Caso contrário, isto é, “a contaminação” do pesquisador pelo meio social da investigação e suas experiências subjetivas anteriores, fortalece distintas concepções de pensamento.

Com o propósito de tornar a pesquisa, em especial a pesquisa documental (repleta de caracteres tendenciosos e históricos) fidedigna a padrões científicos, é contundente a passagem do pesquisador por etapas evolutivas, crescentes de cientificidade e apoderamento intelectual, que minimizem ao máximo intencionalidades ideológicas pré-existentes. Bachelard (1996) menciona a lei dos três estados para o espírito científico, leis estas necessárias (de modo gradual), à formação individual, do espírito científico (do pesquisador): No *estado concreto*, o espírito se entrelaça “[...] com as primeiras imagens do fenômeno e se apoia numa literatura filosófica que exalta a Natureza, louvando curiosamente ao mesmo tempo a unidade do mundo e sua rica diversidade” (p. 11). No *estado concreto-abstrato*, o espírito soma “[...] à experiência física esquemas geométricos e se apoia numa filosofia da simplicidade. O espírito ainda está numa situação paradoxal: sente-se tanto mais seguro de

sua abstração, quanto mais claramente essa abstração for representada por uma intuição sensível” (p.11). E no *estado abstrato*, o espírito acolhe “[...] informações voluntariamente subtraídas à intuição do espaço real, voluntariamente desligadas da experiência imediata e até em polêmica declarada com a realidade primeira, sempre impura, sempre informe” (p. 11-12).

Para galgar os três *estados* enquanto pesquisador e distanciar a ideologia da pesquisa, é contundente o isolamento das experiências anteriores. Como diz Bachelard (1996, p. 25), “a primeira experiência ou, para ser mais exato, a observação primeira é sempre um obstáculo inicial a cultura científica. De fato, essa observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil [...]”.

A experiência primeira está normalmente associada a pensamentos empíricos imediatos, e esses pensamentos requerem afastamento da empiria imediatista. O pensamento empírico, adquire, o caráter de um sistema (mas, falso). Mesmo tendo um caráter de sistema falso, o sistema torna-se útil, no sentido de desprender o pensamento, distanciando-se do conhecimento sensível, com isso, o primeiro sistema mobiliza o pensamento. O espírito formado em sistema, então, pode vincular-se à experiência novamente com ideias barrocas, mas críticas e questionadoras, de forma metafisicamente irônica inerente aos jovens investigadores, tão certos e cientes de si, passíveis de visualizar o real em razão de suas teorias, daí partindo da observação ao sistema, direciona-se do deslumbramento à cegueira científica (BACHELARD, 1996). Por sua vez, Bourdieu (1999, p. 23-24) enfatiza que tendo “[...] como função reconciliar, a qualquer preço, a consciência comum consigo mesma ao propor explicações, até mesmo contraditórias, a respeito do mesmo fato, as opiniões primeiras sobre os fatos sociais apresentam-se como uma coletânea falsamente sistematizada de julgamentos com uso alternativo”.

Seguindo do mesmo entendimento, Japiassú (1991) enfatiza que anterior a um saber científico, há a existência de uma primeira aquisição não científica de estados mentais, formados estes, de maneira mais ou menos natural ou espontâneo. Em nível coletivo, estes estados mentais constituem-se de relativa cultura, constituindo as opiniões primeiras ou pré-noções, tendo por objetivo a reconciliação do pensamento consigo mesmo, explicando certas proposições. Para o autor, as *pré-noções* podem ser caracterizadas “[...] como um conjunto falsamente sistematizado de *juízos*, constituindo representações esquemáticas e sumárias, formadas pela prática e para a prática, obtendo sua evidência e sua “autoridade” das funções sociais que desempenham” (JAPIASSÚ, 1991, p. 18).

De acordo com Bachelard (1996, p. 18) “[...] quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Acender a ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado”. Seguindo o autor, a ciência, e conseqüentemente o seu rigor necessário opõem-se à opinião, “[...] de modo que a opinião está, de direito, sempre errada. A opinião *pensa* mal; não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimento...Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado” (BACHELARD, 1996, p.18). A opinião é não conhecimento.

Nesse sentido, o obstáculo para Bachelard (1996, p. 17), não trata-se de interferências externas relativos as intempéries do espírito humano, mas inerente ao autoconhecimento, às deficiências subjetivas, aos conflitos internos, em que o conhecimento nem sempre é plausível de visualização exata, culminando a erros iniciais. Quando posteriormente há a compreensão dos fatos, “ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual”. Assim esse ato de retorno intelectual configura-se em um confronto com conhecimentos anteriores, “[...] destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização”.

Realizando análise na obra de Bachelard, Melo (2006) enfatiza a necessidade de haver o entendimento da noção de obstáculo epistemológico para o desenvolvimento do conhecimento no âmbito das pesquisas, sendo na superação dos obstáculos que ocorre a efetivação da pesquisa científica. Elemento essencial na superação dos obstáculos é a compreensão por parte do pesquisador que há a existência dos mesmos e, caso não havendo a sua neutralização, poderá haver indícios de comprometimento do processo de pesquisa. Melo (2006) cita a realidade, como o primeiro obstáculo bachelardiano, em que o pesquisador, ao visualizar seu objeto de estudo, especialmente quando vinculado ao universo social, como é a educação, pode correr o risco de influenciar-se pelo que lhe é visível, dando a este foco uma importância não verdadeira. Segundo Melo (2006, p. 4) o segundo obstáculo epistemológico de Bachelard, o senso comum, similar ao primeiro, diz respeito a dificuldade encontrada pelo pesquisador “[...] em separar o seu conhecimento comum, suas opiniões, seus preconceitos, as avaliações relacionadas à sua posição social e econômica etc., do conhecimento teórico, científico, que deve estar comprometido com a busca da verdade, baseada em leis gerais, em conceitos e não em preconceitos”.

Melo (2006) menciona que a primeira característica do objeto científico bachelardiano, é que este não é dado pela natureza, em continuidade com esta, mas ao contrário disso, é

construído pelo pesquisador. Isso quer dizer que na realização da pesquisa, deve haver o rompimento com o senso comum, e com os demais elementos vinculantes a essa forma de experiência. Enquanto as práticas empíricas aplicam métodos de observação e medição diretos, em relação proximal com as experiências comuns; o racionalismo defende a necessidade de uma proximidade mediata, indireta, fundamentada na teoria, sendo que “ao primeiro olhar que satisfaz o empirista, o racionalista propõe um segundo olhar, vigilante, que retifica a experiência primeira” (MELO, 2006, p. 5). Esse objeto científico que se posta fora e além dos marcos do conhecimento empírico, tem como consequência que essa ciência aborda a realidade, não mais como única e absoluta, mas relativa e representada, culminando no rompimento entre a atividade científica e a vida comum. Nesse sentido, a afeição ao realismo deve ser superado pela vigilância epistemológica do pesquisador, vigilância esta, que é a permanente luta pelo distanciamento do empirismo, do realismo e do senso comum na investigação científica (MELO, 2006). Reforçando tais afirmações Bourdieu (1999, p. 22) exprime que “defender juntamente com Bachelard que o fato científico é conquistado, construído, constatado, é recusar, ao mesmo tempo, o empirismo que reduz o ato científico a uma constatação e o convencionalismo que lhe opõe somente as condições prévias da construção”.

Melo (2006, p. 5) destaca a preocupação constante e necessária de Bachelard, para com a vigilância que deve haver no momento de optar pelos métodos de investigação do objeto, pois “é muito comum a sedução pelo primeiro olhar, pela primeira aproximação, como se essas fossem já a verdade, como se o caminho do cientista parasse nesse primeiro passo, considerado por Bachelard como obstáculo ao conhecimento”. Outra característica do objeto científico da ciência do século XX enfatizado por Bachelard, é a sua relação com outros objetos e conceitos, em que essa ciência não atua mais com objetos em si, mas com relações que o determinam (MELO, 2006). Essa proposição bachelardiana de método científico, conforme ressalta Melo (2006, p. 6), no entanto, não deve ser confundida com os manuais de metodologia existentes, que direcionam por meio de enfoques à coerência, uma abordagem fixa, em que os pesquisadores se veem norteados para uma direção metodológica, que é seguida fielmente; já “em Bachelard, ao contrário, os métodos devem evoluir e se multiplicar conforme o objeto o exija, levando-se em conta a necessária *vigilância* e *rigor*, que devem ser atitudes constantes na atividade científica. O que este autor propõe é não confundir *rigor científico* com *rigidez metodológica*, que pode estancar a criatividade e imobilizar o pensamento”.

Conforme Melo (2006, p. 7), Bourdieu (1999) parte de pressuposto epistemológico bachelardiano para tratar sobre a pesquisa científica, pressuposto este que é caracterizado pelo sentido “[...] que o conhecimento segue o vetor do racional para o real, o que significa a crença no primado do teórico sobre o empírico”. E também no mesmo campo teórico bachelardiano, isto é, “[...] da ruptura do conhecimento científico com o conhecimento comum [...]”. Bourdieu é um autor comprometido com o espírito científico focado na incansável busca da verdade. Verdade esta, nem sempre tão clara e perceptível, no entanto, é necessária encontra-la, mesmo que contrária a realidade do senso comum. Esta realidade em si própria, porém, não representa a verdade, ao contrário disso, está repleta da ideologia dominante na sociedade, materializada nas ações corriqueiras do cotidiano das relações humanas e sociais (MELO, 2006).

Analisando características do objeto sociológico segundo a perspectiva de Bourdieu, temos a primeira característica que é a diferença entre o objeto sociológico e os objetos das ciências físicas e naturais. Nesta última há um delimitador claro entre o pesquisador e o objeto, no entanto, nas ciências sociais, tanto o pesquisador como o objeto por pertencerem à sociedade, ambos confundem-se (MELO, 2006). Sendo que nessa relação de exposição social, entre pesquisador e objeto, “[...] no momento da observação ou experimentação, o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto” (BOURDIEU, 1999, p.24). Nesse contexto, das ciências sociais, Bourdieu propõe como Bachelard, a vigilância epistemológica, como mecanismo de não influência às análises e os resultados das pesquisas sociais. (MELO, 2006).

Imprescindível reforçar o entendimento, que a educação pertencente ao campo das ciências sociais, é extremamente suscetível a esse “ato de confundir-se” entre pesquisador e objeto, assim requerendo permanente vigilância no ato investigativo. Além da vigilância epistemológica, Melo (2006, p.8) ressalta que Bourdieu “[...] atenta para o fato de que o objeto sociológico não existe apenas e tão somente no universo dos “problemas sociais” que, como tais, são resultados das relações sociais, políticas e econômicas da sociedade, mas não são em si objetos de pesquisa”. Que para Bourdieu, “[...] a construção científica do objeto de pesquisa não basta a possibilidade de se aplicar técnicas científicas aos objetos ... é preciso inserir o objeto de pesquisa em uma problemática teórica” (MELO, 2006, p. 8).

Assim, no decorrer da própria atividade científica, no confronto permanente com o erro, é necessário descobrir as condições que possibilitem retirar o verdadeiro do falso, galgando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro. Com isso, os procedimentos que fixam o rigor aparecem como respostas aos questionamentos que não sabemos a priori elaborar, sendo que somente através do desenvolvimento da ciência faz emergir, culminando na gradual perda da ingenuidade científica. (BOURDIEU, 1999).

Confrontando o pensamento dos autores que abordaram sobre a especificidade da pesquisa com o que é perceptível na Ideologia, é notório as discrepâncias entre o fazer ciência e o não fazer ciência. O que cabe ao campo da especificidade científica, requer disposição à construção de conhecimento, de leituras e releituras das “realidades”, compreensão do objeto da investigação, imparcialidade, busca pela verdade, permanente vigilância epistemológica; e o que remete as concepções ideológicas inerentes as relações humanas, está situado em “apaixonamentos políticos”, em utopias (porém, as vezes necessárias), fundamentada em opiniões próprias (ou de grupos) sem aprofundamentos reais dos fatos ou contextualizações coesas e abrangentes. Ideologia e pesquisa científica estão no mesmo cenário, porém são antagônicas.

### **Considerações finais**

A ideologia e suas concepções, refletem períodos históricos e as marcas deixadas por esse tempo nos indivíduos. Indivíduos estes, pensantes e formadores de ideias, opiniões e conhecimentos. O pesquisador assim, se vê mergulhado nesse espaço/tempo da história e é fruto desta ou daquela concepção de ideologia, defendendo-a, contrariando-a, se “fazendo” indiferente ou alheio ao mundo real. A ideologia move as gerações, as paixões, as utopias, o entusiasmo.

Mas isso tudo, não compete ao pesquisador, à pesquisa. O ato de produzir conhecimento é inerente à neutralidade do pesquisador, do se portar na realidade social sem interferi-la, mesmo que seja tentador. A tentação em utilizar-se da pesquisa com a finalidade de sanar problemas do cotidiano é compreensível, mas não aceitável, o ser humano exacerba desejo de mudança, de transformação; já a pesquisa requer serenidade e afastamento da subjetividade.

Quando relaciona-se pesquisa documental e educação, há um turbilhão de preceitos ideológicos envolvidos que aglomerados provocam uma dispersão de pensamentos, ora

produtivos, ora ociosos. Cabe ao pesquisador, não envolto nesse processo ideológico, filtrar os direcionamentos condizentes a cientificidade. A pesquisa documental por sua caracterização própria requer um olhar ainda mais apurado do pesquisador. Documentos expressam intencionalidades nas suas entrelinhas, inferindo ao pesquisador a obviedade da não ingenuidade para com as informações analisadas. Tratar dados de documentos sinaliza à um processo organizativo metodológico coeso, propenso a impessoalidade.

Os obstáculos produzidos pela ideologia à pesquisa e ao pesquisador devem ser superados. Mas esse processo de superação de obstáculos não é algo simplista para o iniciante a pesquisa científica, requer estudo metódico e princípios de “desconstrução” enquanto sujeito pensante. A pesquisa exige fidedignidade, cobra rigor.

## Referências

ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. *A profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GORENDER, J. Introdução – O nascimento do materialismo histórico. IN: MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MELO, A. *A construção do objeto turístico: diálogos com a epistemologia de Gaston Bachelard e Pierre Bourdieu*. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios.../GT14-10.pdf>. Acesso em 03 fev. 2016.

SÁ-SILVA, R., ALMEIDA, C., GUINDANI, J. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista de História & Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, jul. 2009.

VIEIRA, M.; PEIXOTO, M. & KHOURY, Y. *A pesquisa em história*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.